



O Exército Imperial Brasileiro: os Mercenários Alemães, no Rio de Janeiro (1824-30)

*Sylvia Lenz**

RESUMO

Refere-se o artigo à questão dos mercenários estrangeiros, alemães e irlandeses formadores do Exército de D. Pedro I, aliciados para combater as guerras no Sul, dando voz àqueles que nos legaram relatos ricos do cotidiano na corte. Pretende o autor, desta forma, acrescentar um aspecto relevante na História do Primeiro Reinado relativamente pouco pesquisada.

PALAVRAS-CHAVES

Título, Major Shaeffer, o cotidiano do Rio de Janeiro no Primeiro Reinado.

A historiografia prima por temas em torno de governantes, aristocratas, operários, mas pouco se volta para os negociantes menos ainda para os pequenos comerciantes e artesãos e, raramente, para os desempregados que, na falta de oportunidade, empregam-se como mercenários, ou seja, soldados pagos a serviço de governos estrangeiros.

Dos primeiros alemães a virem ao Brasil, além de naturalistas, artistas, colonos e negociantes, houve várias levas de mercenários alemães e irlandeses, contratados por D. Pedro I para formar o Exér-

cito Imperial. Não se pretende entrar nos detalhes sobre o processo de contratação desses soldados e das conseqüências sociais após a dissolução das tropas. A obra do Coronel Lemos¹ aborda a imigração teuta com ênfase na organização militar durante o Primeiro Reinado. Sem tratar da colonização alemã no Brasil, dedicou-se, especificamente, a essa leva migratória, formada por uma maioria constituída por mercenários, alemães e irlandeses, e por uma minoria de colonos.

Segundo Lemos, após a independência política do Brasil, em 1822, com a ex-

* Doutora pela UFF. Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina.

¹ LEMOS, Juvêncio Saldanha. *Os Mercenários do Imperador*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1996.

pulsão das tropas portuguesas, havia uma imensa dificuldade em arrematar *voluntários* para a Marinha e o Exército Brasileiros. Escravos preferiam o cativeiro à liberdade, adquirida caso entrassem no Exército; homens do sertão eram trazidos acorrentados para servirem como defensores da pátria². Diante dessas dificuldades, o Imperador decidiu contratar mercenários estrangeiros, no caso alemães e irlandeses, vindos de regiões devastadas pela fome e pelas guerras.

O responsável pelo aliciamento desses indivíduos na Alemanha, o Major Schaeffer, era homem de confiança de D. Pedro e sua mulher, D. Leopoldina³. Como determinados governos alemães somente permitiam a emigração de colonos e não de militares, Schaeffer incluiu uma parcela de colonos com suas famílias, de modo a encobrir a verdadeira intenção de sua missão. Foram essas levas de colonos chegados junto com os mercenários que, em sua maioria, fundaram a primeira colônia alemã a efetivamente desenvolver-se na atual São Leopoldo, RS. A tabela única abaixo mostra o total de emigrantes e sua composição, aliciados pelo Major Schaeffer entre 1824 e 1829.

Embora o soldo fosse bem remunerado, era pago com meses de atraso. Dai a

disciplina e as punições corporais abusivas nos quartéis levavam a grande descontentamento entre esses estrangeiros. Em 1828, após a aplicação abusiva de 210 chibatadas em um soldado alemão, sucederam-se dias de rebelião das tropas alemãs juntamente com as irlandesas, primeiro no quartel, depois nas ruas do Rio de Janeiro, onde o conflito foi travado com escravos armados de facões pelos senhores brancos, resultando uma grande carnificina. Diante do descontrole total e sem militares brasileiros para dominar a situação, o governo imperial teve de apelar para as forças navais inglesas e francesas, cujas estações navais encontravam-se ancoradas nas cercanias do porto (1810 e 1824), respectivamente visando a: *...proteger com uma das mãos e ameaçar com a outra*⁴.

Após a rendição dos mercenários, ocorreu a dissolução das tropas; os irlandeses foram enviados de volta ao seu país; a maioria dos alemães rumou para o sul do Brasil, onde se estabeleceu em colônias. Poucos retornaram para a sua terra natal. Os outros trabalharam como professores, pequenos comerciantes ou artífices no Rio de Janeiro; alguns simplesmente sucumbiram na sarjeta. Dos que retornaram aos seus países, legaram-nos narrativas diferentes da dos viajantes, uma vez

soldados	colonos	não especificado	total de imigrantes
3.917	2.792	765	7.474

Tabela única: Mercenários e colonos aliciados pelo Major Schaeffer (1824-29)

Fonte: Lemos, op., cit., p. 107.

² Ibidem, p. 131-133.

³ Cf. OBERACKER Jr., *Carlos H. Antonio Jorge von Schaeffer criador da primeira corrente emigratória alemã para o Brasil*. Porto Alegre, Ed. Metrópole, 1975; Novos traços para a Imagem do Dr. Jorge Antonio von Schaeffer. In: *Anais do 3º Simpósio da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, São Leopoldo, 1979*.

⁴ LEMOS, op., cit., p. 442.

que esses mercenários efetivamente moraram aqui, aprenderam a língua, conviveram com os brasileiros durante as horas livres, deixando registrados testemunhos sobre o cotidiano e a rotina nos quartéis do Rio de Janeiro nos anos de 1820.

Iniciemos, então, pelo livro dedicado a D. Leopoldina, livro do Major Schaeffer, contratado por D. Pedro para aliciar mercenários para a formação do seu exército. Seu teor é propagandístico pois visava a atrair os emigrantes alemães para o Brasil, ao invés da América anglo-saxônica⁵. Schaeffer esteve aqui, pela primeira vez, em 1814, vindo de S. Petersburgo; a segunda, em 1818, de uma viagem à Austrália e à China e, a terceira, novamente de S. Petersburgo, via Lisboa. Era um homem viajado, observador e ambicioso; para ele, a felicidade estava na posse de metais preciosos: *...com os quais tudo pode-se adquirir*⁶.

Assim, compara os mercados de prata, ouro e diamantes do Rio de Janeiro, como sendo mais ricos do que os bazares de S. Petersburgo, Moscou, Constantinopla e Smyrna.

Para ele, o Brasil era o mais maravilhoso e o mais abençoado de todos os países do novo mundo, com as mais belas esperanças a oferecer. Nessa obra, já indicava a sua intenção em realizar grandes planos migratórios⁷. Afinal, além de todas as belezas e riquezas naturais, o regime de governo brasileiro era imperial,

comparável, na Europa, somente aos da Áustria e da Rússia, o que favorecia os súditos⁸. Importante ainda era seu povo estar impregnado do sentido imperial: *o povo deve ser livre mas não deve reger...*⁹

Após apresentar um histórico do Brasil, fez uma apologia ao livre cambismo e uma crítica aos alemães que aceitavam mal as novas regras da economia mundial. Finalmente, indicou as possibilidades comerciais e mercantis do Brasil, enfatizando a opulência dos seus recursos. Esses ainda poderiam ser desperdiçados por mais um século, sem que afetasse a economia do País! Relaciona, no capítulo sete, uma lista interminável dos mais variados produtos brasileiros passíveis de serem colocados no mercado europeu.

Entretanto, rebatendo a visão paradisíaca dos trópicos, encontramos narrativas de quatro ex-mercenários por ele arrematados: Bösch, Seldler, Schlichthorst e Weech. Críticos e desiludidos, esses homens comuns deixaram ricos testemunhos sobre as suas vivências no Brasil. Certamente essas obras repercutiram nos seus países de origem, devendo ter influenciado na escolha final de imigrantes indecisos em permanecer na terra natal, entre emigrar para os Estados Unidos ou, ainda, aventurar-se no único Estado monárquico americano, o Brasil.

Eduardo Theodoro Bösch era um dos muitos jovens sem perspectivas em sua terra natal. Deixou para trás os rigores do inver-

⁵ SCHAEFFER, Dr. Ritter von. *Brasilien als unabhängiges Reich in Historischer, merkantilistischer und politischer Beziehung*. Altona Hammerich, 1824.

⁶ SCHAEFFER, op., cit., p. 8.

⁷ Ibidem, p. 9 - 12.

⁸ Ibidem, p. 245.

⁹ Ibidem, p. 250.

no de Hannover e foi, a pé, junto com outros rapazes, para Hamburgo onde alistou-se, em 1824, no regimento do Exército Brasileiro, a convite do agente Major Schaeffer.¹⁰ Esse hanoveriano, apesar de voltar desiludido, soube fazer bom proveito dos conhecimentos de línguas estrangeiras, contribuindo para a vulgarização da língua portuguesa na Alemanha e, ao que parece, para a sua própria sobrevivência, publicando vários livros para o aprendizado dessa língua.¹¹ Seus livros foram vendidos não só na Alemanha, tal como o *Novo Dicionário Portátil da Língua Portuguesa e Alemã*, editado em dois volumes, colocado à venda na livraria dos Irmãos Laemmert no Rio de Janeiro¹².

Ele também deixou narradas as procissões e festas religiosas, melhores ocasiões para viver aventuras amorosas ou para se ir preso... Isso porque, se diante das tropas passasse alguma procissão, seus homens deveriam apresentar armas, tirar a boina e ajoelhar-se. A maioria dos mercenários alemães professava o luteranismo, mas até então ele esquivara de expor as tropas a essa situação *...evitando tomar parte nestas farsas, que repugnam a razão sã e ao espírito esclarecido do século dezenove*¹³.

Em 1827, nomeado comandante do posto carioca, enfrentou uma dessas procissões, das quais procurava esquivar-se. Teve de ordenar à guarnição que se for-

masse diante da mesma sem, no entanto, obrigá-la a ajoelhar-se:

*O padre que levava o santíssimo, debalde tocou a campainha aos nossos ouvidos. Os meus granadeiros apresentaram armas, ficaram, porém, imóveis como estátuas de pedra, e os seus olhares triunfantes exprimiam ao mesmo tempo o maior desprezo por essa extravagância dos padres de Baal. (...) Ordenou-me em vão o major de ronda, que observasse o cerimonial prescrito, como era de uso no Exército Brasileiro. Despendi-lhe que não somente a religião, na qual fora educado, como meus princípios se opunham igualmente a que obedecesse às suas ordens, acrescentando que, em hipótese alguma, me sujeitaria a essa imposição*¹⁴.

As conseqüências dessa quase desobediência civil e militar, foram meses de detenção e uma carta ao Imperador. Por fim, este solicitou os serviços espirituais do pastor anglicano, extensivos, também, aos mercenários alemães.¹⁵

*...a Constituição, concede o livre exercício da religião (...) A Igreja protestante dá aos crentes a liberdade de se prostrarem ou não diante do Supremo; proíbe-o, porém, em relação aos outros, não admitindo absolutamente a adoração dos santos. O suplicante seguiu, pois, unicamente os dogmas de sua religião, sendo por isso preso, segundo os melhores métodos da Inquisição (...)*¹⁶

¹⁰ BÖSCHE, Theodoro (1825-1829). *Quadros Alternados*, São Paulo, Garraux, 1929, p. xi.

¹¹ *Novo Dicionário Portátil da Língua Portuguesa e Alemã; Neue Portugiesische Sprachlehre* (Novo ensino da língua portuguesa); *Portugiesisch-brasilianischer Dolmetscher* (Tradutor de português-brasileiro); *Der Kleine Portugiesisch* (O pequeno português).

¹² SEIDLER, Carlos. 1835. *Dez Anos no Brasil*, Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980, p. 12 (nota do tradutor)

¹³ BÖSCHE, op., cit., p. 49.

¹⁴ *Ibidem*, p. 49-50.

¹⁵ *Ibidem*, p. 54.

¹⁶ *Ibidem*, p. 53.

Esse quadro oferece não só o embate entre católicos e protestantes, como a relação entre os poderes religiosos e militares no Brasil, além do recurso legal de Bösche, ao citar o desrespeito à Constituição brasileira quanto aos protestantes. Ele foi mais anticlerical do que necessariamente portador de uma fé confessional:

*Quem julgará todavia o suplicante? Oficiais católicos? Eles o condenarão. Oficiais protestantes? Eles o absolverão. Ambos estão instruídos dos preconceitos inerentes a sua religião e à sua educação e não poderiam, por conseqüência, ser imparciais. Apela, pois, o suplicante para a alta sabedoria de Vossa Majestade Imperial e para seu conhecido amor à Justiça.*¹⁷

Além da sua vivência, Bösche relata as torturas sofridas pela mulher de um soldado alemão, trabalhando como criada na casa de um militar brasileiro e acusada de ter roubado uma quantia de dinheiro:

*Prenderam-na, não obstante os seus protestos, e tentaram arrancar-lhe confissão por meio de cem chibatadas (...) No dia seguinte, deram-lhe novamente pancadas sobre as partes feridas e repetiram esse castigo atroz até que a pobre mulher, torturada pelas dores atribuiu-se a autoria do fato. Precisava confessar agora onde ocultara o dinheiro roubado, e, como era inocente, não o pode (...) fazer. Começaram novamente então a espancá-la, até que uma febre ardente acompanhada de delírio a livrou de seus carrascos, levando-a à beira da sepultura*¹⁸.

Bösche, teve de presenciar toda essa injustiça, uma vez que, posteriormente, os

próprios familiares do acusador encontraram a quantia desaparecida. Mas já era tarde, pois seu marido fora tão torturado, ficando incapacitado para o serviço militar:

*É verdadeiramente um suplício horrível ser testemunha impassível dessas atrocidades, nada podendo dizer. Tem-se o inferno no coração e o furor contido ameaça arrebentar as veias. A quantia perdida foi achada mais tarde, manifestando-se assim a inocência do casal tão clara como a luz. Sofreram todavia essas inocentes atrocidades, sem lhes contudo ser concedida reparação alguma.*¹⁹

Bösche, após a dissolução das tropas mercenárias, voltou ao Rio de Janeiro, ainda permanecendo no Brasil por alguns anos, apesar de todas as divergências anteriormente vividas. Foi, como outros de seus colegas que aqui ficaram, professor de línguas, ou de correspondente em língua portuguesa e, posteriormente, escritor:

*Logo após a minha chegada ao Rio encontrei colocação: empreguei-me no estabelecimento comercial do cônsul geral, onde fiquei um ano. Essa casa todavia fechou-se, após a queda de D. Pedro. Ganchei, então, a vida como colecionador de objetos de História Natural e mais tarde dando lições de línguas no Rio de Janeiro e arrabaldes, as quais eram muito bem pagas. Trabalhei também para uma casa francesa, ocupando-me de correspondência em português. Fiz, em 1832, uma viagem a Pernambuco e Bahia (...)*²⁰.

Mas, em fins de 1833 foi acometido de violenta febre, da qual só se restabeleceu alguns meses depois; voltou, então, definitivamente para a Alemanha, uma vez que: *Conhece somente esta saudade indescritível, esta atração irresistível exercida pela*

¹⁷ idem.

¹⁸ BÖSCHE, op., cit., p. 67.

¹⁹ Ibidem, p. 67.

²⁰ Ibidem, p. 132.

*pátria, aquele que viveu longos anos em regiões afastadas, entre homens estranhos, sem amigos, vivendo num mundo indiferente aos sentimentos do seu coração.*²¹

Carlos Seidler escreveu sua biografia, oferecendo-nos os perfis não só dos brasileiros, como também dos negociantes alemães residentes no Rio de Janeiro, julgados de forma ríspida e amarga. Ao comentar sobre como os mortos eram enterrados no Brasil, narrou o trágico destino de um colega de armas:

*O infeliz (...) na tola esperança de alcançar melhor sorte no Brasil, tivera a idéia de vir de Hamburgo para o Rio de Janeiro, onde seu nome (...) imediatamente lhe proporcionou emprego que ultrapassava a todas as suas levianas esperanças. Depois da época infeliz da dissolução das tropas estrangeiras, ele se viu só e abandonado; seus antigos colegas não lhe podiam ajudar, pois também se achavam na mesma dificuldade, e os negociantes do Rio de Janeiro, entre os quais havia alguns bem importantes, como, por exemplo, um Sr. Blass, um Heinrich, um Frolich, dos quais nada de bom se pode dizer, nada queriam fazer por ele.*²²

É o desapontamento com os seus conterrâneos, só que de outro ramo, o comercial, tal como um dos mais bem-sucedidos exportadores de café, Frolich, elogiado pelo viajante lituano Ebel, que não se comovia com a situação dos ex-mercenários:

Estabelecendo um pequeno comércio tentou ele viver, mas também nisso não

*teve sorte e, vergonhosamente enganado, perdeu o resto de seus insignificantes haveres, ficou a mercê da mais negra miséria. Em semelhante situação, faltou-lhe coragem para afrontar com firmeza a desventura, caiu em desespero para esquecer os sofrimentos, buscou o consolo na cachaça, o melhor meio de despachar-se depressa para o outro mundo. (...) o infeliz foi definhando e afinal teve de ser recolhido ao hospital da Misericórdia, com o que se evitou pelo menos que um Oficial alemão e nobre morresse como um cão leproso de fome e tristeza nas ruas do Rio de Janeiro. Quem dera tivesse esse pássaro infeliz permanecido em casa, em seu ninho!*²³

Mas nem todos sucumbiram. A maioria teria voltado a exercer seus ofícios, como foi o caso dos artífices, outros foram para as colônias alemãs, reconstruir a vida como pequenos proprietários. Ambos os destinos pareciam oferecer um futuro melhor do que voltar, ficando desempregado ou sendo convocado para o Exército:

*Outra circunstância veio contribuir muito para facilitar essa dispensa das tropas estrangeiras no Rio de Janeiro: é que a maior parte dos soldados e sargentos tinha algum ofício ou então imaginava, como colono, com pá e enxada, alcançar um melhor futuro do que sob a túnica de soldado. Um hábil marceneiro, sapateiro ou alfaiate ganhava naquele tempo uma a duas piastras por dia; porque, pois, não preferiam esses homens viver do ofício que haviam aprendido, tanto mais que o soldo era mínguado, nessa terra onde a menor coisa tem que ser paga a ouro?*²⁴

O maior número de artífices alemães no Rio de Janeiro deu-se após a dissolução das tropas de mercenários uma vez

²¹ Idem.

²² SEIDLER, op., cit., p. 330.

²³ Ibidem, p. 330.

²⁴ Ibidem, p. 306.

que, já durante os anos anteriores... como quase todos eram artífices, tinham, freqüentemente, ocasião de ganhar dinheiro nas suas horas vagas. Em nenhuma outra parte do mundo, talvez, se paga tanto ao operário como no Brasil.²⁵

Alguns, como os ex-oficiais possuidores de algumas economias, abriam pequenos negócios. Havia ainda aqueles ex-mercenários que seguiam o caminho de crimes, como roubos e assassinatos. Um caso que indignou a comunidade dos negociantes alemães ocorreu com um certo N., oficial inferior:

Após o licenciamento das tropas estrangeiras encontrou colocação na casa comercial de um alemão, Wiers. Travou então relações com um jovem comerciante de Bremen, tornando-se ambos grandes amigos. N. comia freqüentemente na casa do seu novo amigo, o cambista, o qual era ainda solteiro. H. foi assassinado com a baioneta por N. (...) acompanhado pelo comércio alemão do Rio (...), foi enterrado no cemitério inglês²⁶.

Determinados professores de línguas e ou música não haviam exercido essas profissões na vida; eram somente oficiais cultos, desempregados após a dissolução. Sem perspectivas melhores na terra natal, optavam por tentar sobreviver no estrangeiro: *Estes antigos oficiais superiores, sujeitaram-se aos mais humildes trabalhos*

para ganhar o pão cotidiano. Muitos morreram miseravelmente nos hospitais, sucumbindo outros, desesperados ao peso da adversidade.²⁷

O livro de Carlos Schlichthorst²⁸ é um retrato do cotidiano da época curioso e com algumas falhas grotescas mas, enfim, um dos raros depoimentos a sobreviver no tempo²⁹. A única publicação alemã só foi editada com a subscrição feita entre instituições e amigos, dentre eles vários profissionais liberais, alguns sacerdotes e militares de diversas cidades alemãs, tais como Hannover, Bremen, Lüneburg.³⁰

No Rio de Janeiro, além do guarda-livros Daw, o Vice-Cônsul da Holanda Hendrichs, os negociantes Melcher, Wiers e Schneinert (este com cinco subscrições) o Dr. Med. Ran, o corretor Ray, o Cônsul da Liga Hanseática Ten Brink, o Cônsul prussiano Theremin, o tradutor imperial Zaeb, todos estes com uma subscrição, e finalmente, o próprio Major Schaeffer subcreveu vinte e cinco exemplares.³¹ Seu apoio à edição do livro surpreende, na medida em que há críticas feitas contra a sua pessoa, tais como o vício da bebida e o desleixo, fatos também confirmados por Bösche: *O Cavaleiro, que sabe melhor beber do que discursar, embora seu amigo não lhe fique atrás naquela primeira qualidade (...).*³²

Schlichthorst parece ter tido uma vida razoável se nos basearmos nas suas infor-

²⁵ BÖSCHE, op., cit., p. 42.

²⁶ Ibidem p. 125.

²⁷ Ibidem, p. 129.

²⁸ SCHLICHTHORST, Carlos. (Hannover, 1829). *O Rio de Janeiro como ele é (1824-1828) (Huma vez e nunca mais!)*. Trad. Emmy Dodt e Gustavo Barroso. Rio de Janeiro, Getulio Costa, 1943.

²⁹ O original não foi encontrado na Alemanha; no Brasil, há um exemplar na Biblioteca do Itamaraty, Rio de Janeiro.

³⁰ SCHLICHTHORST, C. op., cit., p. 285.

³¹ Ibidem, p. 290-291.

³² Ibidem, p. 15.

mações de como estrangeiros desocupados poderiam passar um dia confortável, sem grandes despesas, na corte imperial brasileira quando narra, suavemente, um dos seus doces dias de ócio.

Ele começara o seu dia com o sol já alto, sem pressa de levantar, iniciado com um rápido banho de mar. Depois deixou-se embelezar pelas mãos de um barbeiro português; passou, então, numa venda para comprar mantimentos leves para o almoço, a ser preparado na casa de sua amiga mulata que residia com sua mãe, uma negra. Após a refeição, as mulheres fizeram a sesta enquanto ele, deitado numa rede, desfrutava do seu cigarro. À tardinha, foi dar uma volta na praça com a amiga, ficando a mãe em casa. Mas já às vinte horas, ele a deixou em casa e ainda foi tomar um copo de ponche num restaurante francês perto do Paço Imperial. Finalmente, retorna ao seu domicílio para dormir, sonhando, em vão, com a sua amiga, comprometida com um tropeiro, o pai de seu único filho.³³

Uma das narrativas mais interessantes, quanto às possibilidades profissionais no Rio de Janeiro e adjacências, é a de Weech. O tradutor de Ebel, no terceiro volume de seu livro de viagens,³⁴ informa que, após ele ter ficado doente:

...viu-se obrigado a deixar a fazenda em princípios de 1825, confiando sua propriedade a um administrador e partiu para Buenos Aires, onde tampouco se demoraria. De volta ao Rio, em 1826, teve a decepção de ver que tudo havia sido abandonada,

seus escravos vendidos e suas culturas arruinadas. Decidiu então arrendar a Ilha do Viana, onde se dedicou à produção de leite que vendia no Rio. Mas seu escravo de confiança foi vítima de grande agressão e sozinho não pode ele continuar. De novo doente, deixou finalmente o Rio, desiludido, em 1827, depois de rápida visita a Nova Friburgo e Santa Cruz (...).

Outro livro seu é um verdadeiro manual de sobrevivência no Brasil, publicado em Hamburgo, em 1828. Nessa pequena obra, o autor reúne as preciosas informações conforme as categorias profissionais e até mesmo estamentos. Dos letrados, ele só aconselha a emigração para o Brasil dos médicos e, ainda assim, com ressalvas. Eles deveriam trazer capital suficiente para se manter por seis meses, uma vez que não havia possibilidade de conseguir emprego nas Forças Armadas ou nos hospitais.³⁵ Sobre os negociantes, não poderia ser mais enfático:

Embora, de todas as camadas, a dos negociantes tenha as maiores e mais rápidas chances de enriquecimento, informamos que a precaução "não esperar isto no Brasil" não é um exagero, devendo haver, por parte do comerciante, um conhecimento maior das inconveniências que o esperam. Observam-se que a concorrência com todas as nações é enorme, sendo o comércio alemão pressionado por muitas dificuldades. A maioria dos negociantes daqui são comissionários. Sem bons contatos com a Europa não é possível consolidar aqui uma firma e,

³³ Ibidem, p. 83-86.

³⁴ WEECH, Friedrich von Weech. *Reise nach Brasilien*. 3 vols. München, 1831.

³⁵ WEECH, Friedrich v. *Brasilien. Gegenwärtiger Zustand und Colonialsystem*. Hamburg, Hoffmann-Campe, 1828, p. 61.

*mesmo assim, só ganha o pão nosso de cada dia com muita labuta.*³⁶

Weech via maiores possibilidades para o comércio varejista; mas além de o imigrante trazer um certo capital, deveria conhecer usos e costumes do País e compreender como as transações eram realizadas. Weech desaconselhava a vinda de empregados de escritório que deveriam, no mínimo, dominar bem a língua inglesa; afinal, raramente havia contratações feitas aqui, tendo em vista que a maioria das firmas trazia seu pessoal da Europa. De qualquer modo, prevenia o viajante para que trouxesse dinheiro o suficiente para se manter durante seis meses e, em caso de emergência, também poder pagar a passagem de volta.³⁷

Também não considerava boas as oportunidades para os artistas, sob cuja categoria incluía os construtores de instrumentos e técnicos mecânicos. Estes seriam bem-sucedidos, tão logo se constatasse a economia de mão-de-obra possibilitada pela implantação de máquinas na indústria, o que ainda não era o caso do Brasil. Para aqueles que seguiram a carreira militar, Weech dedicou algumas páginas de seu livro, apresentando detalhes dos cargos, funções e soldos no Exército Brasileiro a serem aproveitados pelos alemães.³⁸

Lembrando-se dos nobres empobrecidos, sem profissão nem propriedade, Weech aponta para a possibilidade do matrimônio com as filhas de algum rico

fazendeiro, principalmente para aqueles já conhecedores das belezas brasileiras. Unindo o útil ao agradável, o pretendente aproveitaria para, dessa forma, melhorar a sua condição econômica e ganhar posição na sociedade brasileira.³⁹

Finalmente, os artifices, tais como marceneiros, pedreiros, ferreiros, carpinteiros, padeiros e açougueiros, poderiam esperar pelo melhor: *Para esse tipo de serviço nunca falta trabalho, o pagamento é bom. Se for econômico, logo após o primeiro ano de estada, o trabalhador vai poder melhorar de vida, de modo a poupar o suficiente para a compra de escravo, que em cinco ou seis meses de aprendizagem vai ser-lhe muito útil.*⁴⁰

Não obstante, um periódico alemão⁴¹, preocupado com as questões imigratórias, dá voz a um operário alemão, residente na cidade por catorze anos. Era um alerta contra as propagandas na Alemanha a favor da emigração para o Brasil, trinta anos após serem desencadeadas pelo Major Schaeffer:

Todos aqueles literatos e não literatos, que tantas vezes descreveram o Rio de Janeiro como um lugar em geral vantajoso e favorável para o operário alemão, tomaram, usando de uma expressão moderada, uma pesada responsabilidade sobre si. Levado por tais encômios, abandonou mais de um operário uma posição comparativamente boa e atravessou o oceano para buscar em terra estranha uma subsistência, que só pode adquirir depois

³⁶ WEECH, op., cit., p. 63.

³⁷ Ibidem p. 65.38- Ibidem, p. 66-71.

³⁹ Ibidem, p. 131.

⁴⁰ Ibidem p.71.

⁴¹ *Der Deutsche Beobachter*, Rio de Janeiro, gedruckt bei Luiz de Souza Teixeira. De 16 de abril a 16 de julho de 1853, dos números 1 a 13, faltando o 12. Redigido por B. Goldschmidt e G.F. Busch.

*de muito tempo e muitos sacrifícios; e ainda então, apenas mesmo suficiente, pois que a sua expectativa e esperança pela maior parte nunca se realizam, sendo a posição do artista no Brasil inteiramente diversa do artista alemão.*⁴²

Para Mayr, as maiores dificuldades encontradas por esses trabalhadores, provavelmente artífices, era a falta de conhecimento da língua portuguesa, além de não obter nenhum apoio entre os seus conterrâneos, espalhados pela cidade:

...e demasiadamente ocupados como ganhar o indispensável, não podem socorrer o irmão recém-chegado, nem com obras, nem com conselhos. Nesse ponto está o operário em piores circunstâncias do que o colono, que chegando em com-

*panhia de muitos outros, suporta em comum com eles mais facilmente os males que têm de sofrer em país estranho. O operário vê-se só, e não lhe é fácil achar-se a sua vontade.*⁴³

Ele se referia principalmente aos trabalhadores mais pobres e que, embora no Brasil fosse possível ganhar muito mais do que na Alemanha, o custo de vida no Rio de Janeiro também era muito maior do que lá. No entanto, algo mais atraía o emigrante alemão para essa cidade, apesar das mortes por doenças tropicais, da concorrência com a mão-de-obra escrava e da carestia. Há muito que as Américas, mesmo a monarquia portuguesa, acenavam a bandeira verde da esperança por uma liberdade maior do que na Europa. 🌐

BIBLIOGRAFIA:

- BÖSCHE, Theodoro (1825-29). *Quadros Alternados*. São Paulo: Garraux, 1929.
- LEMONS, Juvêncio Saldanha. *Os mercenários do Imperador*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.
- OBERACKER Jr., Carlos H. *Antonio Jorge von Schaeffer - criador da primeira corrente emigratória alemã para o Brasil* - Porto Alegre, Ed. Metrópole, 1975; Novos traços para a imagem do Dr. Jorge Antonio Von Schaeffer. In: *Anais do 3º Simpósio da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, São Leopoldo, 1979*.
- SCHAEFFER, Dr. Ritter von. *Brasilien als unabhängiges Reich in Historischer, merkantilistischer und politischer Beziehung*. Altona, Hammerich, 1824.
- SCHLICHTHORST, Carlos. (Hannover, 1829). *O Rio de Janeiro como ele é (1824-28) (Huma vez e nunca mais!)*. Trad. Emmy Dodt e Gustavo Barroso. Rio de Janeiro, Getulio Costa, 1943.
- SEIDLER, Carlos. 1835. *Dez Anos no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980.
- WEECH, Friedrich von. *Reise nach Brasilien*. 3 vols. München, 1831.

⁴² Comunicado de J. G. Mayr. In: *O Emigrado Alemão*, ano 1, 2 de julho de 1853, nr. 3. O termo Arbeiter, significa trabalhador em geral, incluindo o operário, não confundir com proletário. O missivista também se refere aos seus como artistas, quiçá, querendo dizer artífices, profissões que se complementavam.

⁴³ Idem.